

Com título da Unesco, Paraty preserva montanhas e ilhas

História do ouro e do café e cultura caiçara no município da Costa Verde

Por Flávia Vitorino (Folhapress)

Das praias aos picos de mais de 2.000 metros de altitude, a porção de Mata Atlântica que cobre a costa da região de Paraty e sobe pelas encostas íngremes da Serra da Bocaina faz parte dos 15% remanescentes do bioma que existia em todo o Brasil ao redor do ano de 1500.

É possível que a dificuldade de acesso à área que envolve o lugar tenha sido justamente a chave para a região se tornar o maior conjunto preservado desse tipo de vegetação no país e que hoje leva o título de Patrimônio Mundial da Unesco.

O território abriga duas terras indígenas, dois territórios quilombolas e 28 comunidades caiçaras que procuram viver da pesca artesanal e do manejo sustentável. Essas comunidades tradicionais mantêm os modos de vida de seus antepassados, preservando a maior parte de suas relações culturais, como ritos, festividades e religiosidade.

A Serra da Bocaina, na divisa entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, é dividida em duas áreas: a parte alta, com grandes cadeias montanhosas, e a parte baixa, litorânea. Com aproximadamente 180 quilômetros de extensão total, engloba o parque nacional de mesmo nome - administrado hoje pelo ICMBio, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - e cidades



A chamada "parte baixa" tem como destaque as praias do Meio e da Caixa D'Aço e o acesso é por Paraty

como as fluminenses Paraty e Angra dos Reis e as paulistas Cunha e São José do Barreiro.

Paisagens de tirar o fôlego

Quedas d'água de até 80 metros de altura, mirantes com vistas panorâmicas de tirar o fôlego, antigas fazendas de café com arquitetura tradicional e muita história fazem parte dos atrativos da área.

Dentre eles estão a cachoeira de Santo Izidro e a dos Veados, a Fazenda Pau D'Alho, o Pico do Tira Chapéu e a Reser-

va Natural da Pedra Redonda - esta última abriga um antigo mosteiro budista com instalações rústicas a quase 1.800 metros de altitude e uma vista privilegiada.

De lá é possível ver a Serra da Mantiqueira e o Vale do Paraíba, com destaque para o Maciço de Itatiaia e o Pico das Agulhas Negras. O acesso à sede somente pode ser feito por caminhada, a cavalo ou em veículos traçados.

A estrada que liga a parte baixa da serra, que vai do Vale do Paraíba ao litoral fluminen-

se, termina no trecho Paraty-Cunha na rota do ouro, que pode ser feita em até três dias caminhando. Iniciada pelos indígenas guaianás e depois aberta por pessoas escravizadas no período colonial, a estrada ganhou relevância por causa do minério que a coroa portuguesa trazia desde Minas Gerais em direção ao porto de Paraty.

Ainda pelo caminho e quase chegando ao litoral, é possível fazer uma parada na Fazenda Bananal para uma experiência que une trilhas pela mata atlântica, exposições feitas em

parceria com a Casa da Cultura de Paraty no casarão e um restaurante onde os pratos são releituras da culinária caiçara, com ingredientes cultivados na horta da fazenda.

Água e terra

Já a 40 minutos do porto principal de Paraty há um fenômeno geográfico singular no Brasil. É o Saco do Mamanguá, equilíbrio perfeito entre a água e a terra. O chamado fiorde tropical tem mais de oito quilômetros de extensão e dois quilômetros de largura - é o único

estuário da chamada Costa Verde do estado do Rio de Janeiro.

Dois paredões de mata atlântica e o mar protegido em um formato peculiar - com apenas uma entrada estreita ligada ao oceano - criam uma sensação de isolamento naquele canto afastado, que só tem acesso por barco. Atualmente, a região é uma área de proteção ambiental.

Conforme o barco começa a navegar pelo canal entre a imensidão de montanhas cobertas por vegetação, já se sente o clima de tranquilidade e de paz das comunidades caiçaras locais. Isso porque as pequenas embarcações de pesca, normalmente confeccionadas pelos próprios pescadores, navegam por ali em busca de um lugar para esticar suas redes ao longo do canal que possui, no total, 33 praias.

Entre as poucas opções de hospedagem está o Mamanguá Eco Lodge, com 12 quartos, sinal de internet e ar condicionado a uma diária de mais ou menos R\$ 1.600 para o casal, com café da manhã e jantar incluídos, todos servidos num grande gramado que termina nas areias da Praia Grande.

Foi ali que Isaías, morador da região há 40 anos, atracou seu barco de pesca no fim do dia e deixou o que seria o jantar: pescas de tainha assadas na bananeira, que viraram também uma moqueca. Tudo muito fresco e muito típico da região.

Acordo busca ampliar o turismo internacional no país

Conjunto de ações - realizado pela Embratur e a Aeroportos do Brasil (ABR) - é voltado ao aumento do número de voos e rotas aéreas

Ampliar o turismo internacional no país e aprimorar a recepção de visitantes estrangeiros no território nacional. Estes são alguns dos objetivos de um acordo de cooperação técnica firmado nesta semana em Brasília (DF), entre a Embratur e a Aeroportos do Brasil, entidade que reúne 100% dos terminais concedidos à iniciativa privada no país e que são responsáveis por 92% do transporte de passageiros pelo modal aéreo.

De acordo com as informações do jornalista André Martins, do Ministério do Turismo, a parceria envolve a adoção de medidas voltadas ao aumento do número de voos e rotas aéreas, com o compartilhamento de dados e informações qualificadas sobre o fluxo de viajantes. Representando o ministro do Turismo, Celso Sabino, o secretário nacional de Infraestrutura, Crédito e Investimentos no Turismo do Ministério do Turismo, Carlos Henrique Sobral, enalteceu a importância da colaboração na área.

"Em nome do ministro Celso Sabino, eu quero parabenizar essa parceria com a ABR e dizer que com essa união entre o Ministério do Turismo, a Embratur, e o Ministério de Portos e Aeroportos, nós estamos no caminho certo. É um caminho de união, um caminho de reconstrução e, com certeza, juntos, nós vamos trazer o turismo para o protagonismo nacional, de onde ele nunca deveria ter



Willian Meira/MTur

Acordo envolve ações para ampliar o turismo internacional no país

saído", declarou o secretário do Ministério do Turismo.

O acordo também prevê a divulgação da Marca Brasil em aeroportos e o reforço do relacionamento com empresas aéreas. O presidente da Embratur, Marcelo Freixo, comemorou a retomada do diálogo entre os setores público e privado no ramo. "O Brasil voltou a ser um espaço de diálogo, de construção conjunta do turismo. Então, a gente fortalece uma relação institucional e a gente consegue dar qualidade técnica para isso", apontou.

Também presente, o ministro de Portos e Aeroportos, Silvio Costa Filho, destacou a transversalidade das ações do

governo federal. "A gente tem procurado cada vez mais integrar a política nacional de turismo e da aviação. Com a sintonia da Embratur com o Ministério de Portos e Aeroportos e o Ministério do Turismo, a gente vai, de maneira transversal, avançar em um pilar que é fundamental para o desenvolvimento do turismo do Brasil", afirmou.

O presidente da ABR, Fábio Carvalho, por sua vez, garantiu apoio a iniciativas que promovam o desenvolvimento do turismo. "Somos absolutamente apoiadores de qualquer pauta que tenha o objetivo de trazer mais companhias aéreas ao Brasil, que promova o desenvolvimento de novas rotas, que

fomente o turismo como uma indústria de desenvolvimento, de geração de renda, de riqueza para o país. Esse acordo vai muito nesse sentido", observou.

A assinatura do ACT reuniu, ainda, o secretário nacional de Aviação Civil, Juliano Noman; Ricardo Catanant, representante da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC); a presidente da Associação Brasileira de Empresas Aéreas (ABEAR), Jurema Monteiro; o diretor de Relações Institucionais da Associação Internacional de Transporte Aéreo (IATA), Marcelo Pedrosa, e a diretora de Marketing Internacional, Negócios e Sustentabilidade da Embratur, entre outros.

Temporada de pesca esportiva movimentada economia brasileira

Durante os meses de outubro a março, a pesca esportiva movimentou o turismo em diversas regiões do Brasil, gerando emprego e renda para as populações locais. Conhecida como "pesque e solte", essa prática não apenas promove a conservação da vida aquática, mas também tem um impacto significativo na economia brasileira.

Conforme informações de Vitória Moura, do Ministério do Turismo, o país possui um vasto potencial para o desenvolvimento do turismo náutico, com 8.500 quilômetros de litoral e 35.000 quilômetros de vias navegáveis internas. O avanço desse segmento é evidente na movimentação financeira, que cresceu 20%, passando de R\$ 634 milhões em 2019 para R\$ 761 milhões em 2020.

No Amazonas, um dos estados mais populares para a pesca, o esporte movimentou cerca de R\$ 500 milhões em receita direta e indireta, de acordo com estimativa da Empresa Estadual de Turismo (Amazonastur).

Na temporada 2021/2022, os pescadores deixaram R\$ 120 milhões no estado.

Além do impacto econômico, o Brasil oferece uma variedade de destinos de pesca esportiva. Conhecido por sua rica biodiversidade, o Pantanal é um dos destinos mais escolhidos para a pesca esportiva no Brasil. Ele oferece excelentes oportunidades para a pesca de peixes de água doce, como o dourado, o pacu, o piraputanga e o pintado. A região, além de encantar com sua beleza, oferece uma experiência de pesca com águas cristalinas e uma grande variedade de ecossistemas, incluindo rios, lagos e áreas alagadas.

Outro local famoso por suas águas cristalinas é o Rio Araguaia, privilegiado para a pesca de tucunaré, um peixe esportivo muito apreciado pelos pescadores que praticam o esporte. Lá, além dos tucunarés, os pescadores podem esperar espécies como o piaui, traíra e pirarara. O rio banha os estados de Goiás, Mato Grosso, Tocantins e Pará, sendo um destino popular entre os pescadores.

Flávia André/MTur



Nosso país oferece opções de Norte a Sul para a prática